1.º anno | Lisboa, 8 de dezembro de 1884 | Numero 24

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Estão, talvez, cheios d'orgulho, os francezes, porque uma simples mulher do seu paiz, desmentindo a fraqueza propria do sexo, varou com tres ou quatro balas de revolwer o peito e a cabeça d'um homem alentado.

Imaginam aquelles senhores que a França tem o previlegio exclusivo das viragos de *tournure*, e dos bonbons de chocolate. Suppõem, na sua balofa prosapia, que as mulheres do resto da Europa não sabem matar como as parizienses: que se acabou em Portugal a raça das padeiras d'Aljubarrota: que as Clovis Hugues pimponas constituem um producto especial da Republica de Grévy.

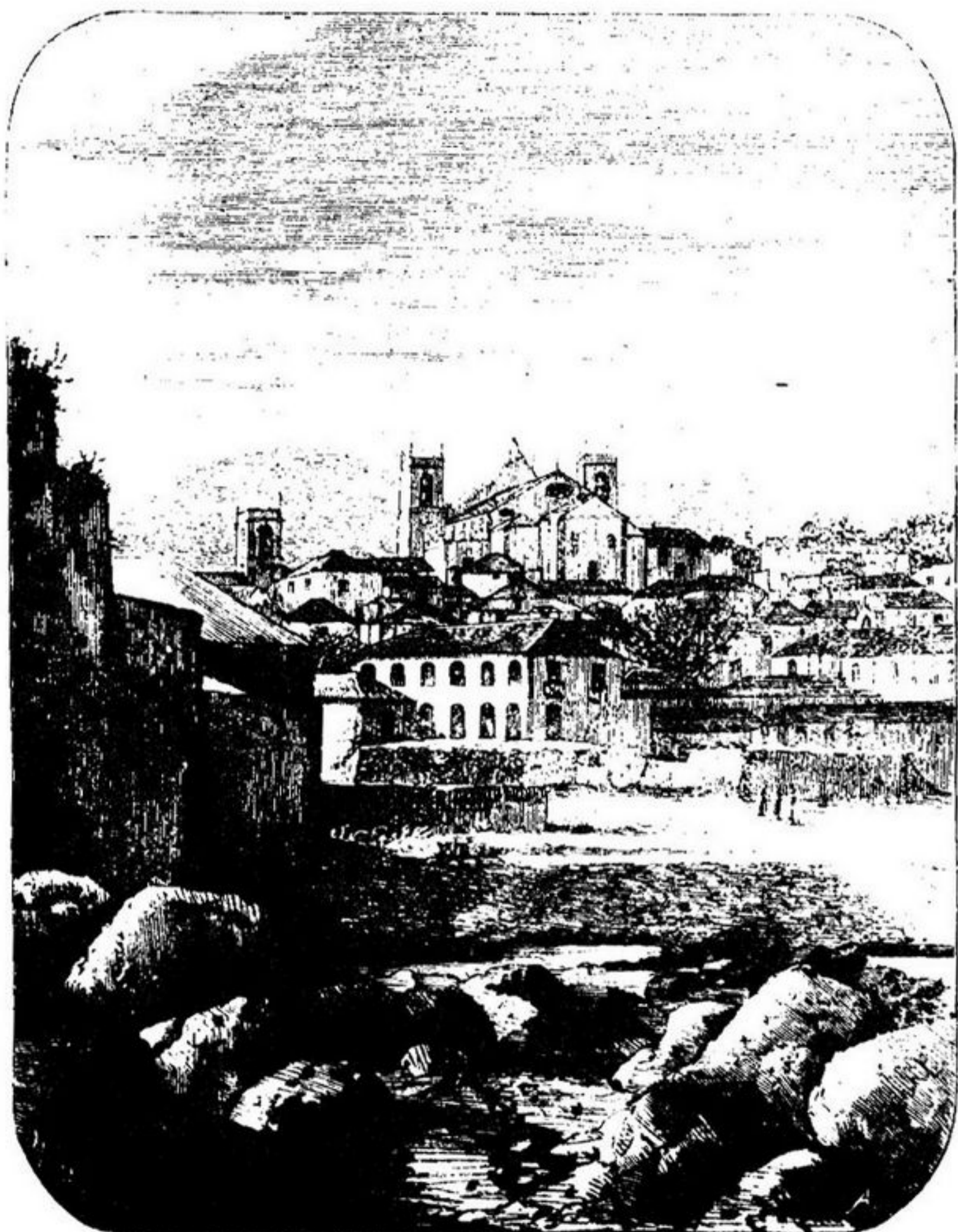
Basofias francezas!

Tambem por cá o sexo bonito manda para o feio cemiterio o sexo barbado. Tambem nos nossos registros criminaes se inscrevem nomes femininos.

Não nos falta nada para sermos um dos povos mais civilisados da redondeza.

Desde a mulher que mata o amante por ciumes, com o vitriolo corrosivo, até á que destroe o proximo por mero capricho, introduzindo-lhe tres grammas de chumbo no thorax, temos de tudo.

Senão, veja-se a Marinha Correia, do Porto, uma perdida d'alto cothurno, cujo nome acaba de passar das chronicas picarescas do escandalo para as chronicas sangrentas do crime.

Pouco mais ou menos quando a mulher do deputado republicano francez, Clovis Hugues, assassinava, na *Cour d'Assises* de Paris, um sujeito que se permittira atassalhar-lhe a honra e apontar o marido á irrisão dos *boulevardiers* como qualquer *mr. Alphonse* vulgarissimo e réles, Marinha Correia, a formosa mundana da cidade da Virgem, disparava

VILLA DA PRAIA DA VICTORIA, NA ILHA TERCEIRA

na Foz, o seu rewolver certeiro contra um senhorio importuno, que commettera o *desacato* de pretender moralisal-a.

Já veem, pelo simples confronto d'estes dois factos, que a França não nos levou de vencida. Se marcou uma á preta em materia criminal, tambem nós marcámos.

Querem agora saber em que circumstancias se realisaram os dois crimes, perfeitamente identicos na fórma, embora os seus moveis fossem diversos? Eu lhes conto a historia de ambos, mas não vale a pena contrahir o rosto, n'um sentimento de repulsão pelas duas heroinas vingativas.

A gentil Clovis Hugues—dizem que é gentilissima—vivia em Marselha nos seus tempos de solteira, e tinha por visinho um velho libertino, conquistador de bellezas faceis, que nunca trocou com ella nem um olhar nem uma palavra, segundo é voz publica entre os marselhezes de boa nota.

Um bello dia, o velho solteirão adonis, fatigado da existencia licenciosa que levava, resolveu entregar-se ás doçuras do hymeneu, desposando uma viuva. Mas a libertinagem estava-lhe na massa do sangue, e o esposo macrobio não se regenerou mudando d'estado. As infidelidades do devasso foram tantas e de tal ordem que levaram a esposa a requerer divorcio. Para esse fim, dirigiu-se a um agente de *negocios de todo o genero*, chamado Morin, que se prestou, de boamente, a secundar-lhe os projectos.

Antes de tudo, porém, era mister fundar o requerimento n'algum facto. E sabem o que fez o patife do tal Morim? Allegou, na petição da demandante, com um cynismo torpissimo, que entre a actual mulher do fogoso deputado marselhez Hugues e o velho conquistador tinham existido relações muito condemnaveis.

D'ahi o asco profundo da pobre creatura, hoje esposa e mãe amantissima, pelo sabujo que pretendera empeçonhar-lhe o seu mais bello thesouro. D'ahi, finalmente, a vingança da mulher honesta, saciando-se com o sangue do bandido que insultára a sua honra immaculada.

E a Marinha Correia? Uma Messalina devassa: o reverso da medalha onde está esculpido o busto correcto da marselheza gentil.

A vida d'aquella miseravel tem sido uma serie interminavel de aventuras ruidosas, tresandando a iodo infecto.

Ha pouco ainda, morrera por ella um moço honesto, que se deixara desvairar pelas suas caricias quentes, de panthera. O marido fugiu para longe, procurando lá fóra, onde nenhum compatriota podesse vel-o e medir-lhe a grandeza das magoas, um refugio ás vergonhas do adulterio infamante.

A adultera fazia da casa que habitava um perfeito alcouce. Sendo intimada pelo senhorio a abandonar o poiso, respondeu á intimação com duas balas de rewolver, que feriram de morte o alvo.

Ao invez da outra, a criminosa portuense não vingou a sua dignidade ultrajada por um infame venal; não tem a attenuar-lhe a enormidade do delicto nenhuma circumstancia que inspire commiseração e sympathia. Fez sangue, porque pretenderam affastal-a do tremedal da deshonra. Assassinou, porque alguem quiz pôr entraves á sua vertiginosa carreira pelos meandros da corrupção desbragada.

Entre os intuitos d'aquellas duas mulheres ha um abysmo enorme, e póde ser, no entanto, que a Justiça condemne a que foi digna no crime, para absolver a que foi torpe na vindicta.

Quem sabe?!

—Vamos atravessando uma época lyrica deliciosa em S. Carlos. As estreias de *divas* desconhecidas succedem-se. São tantas as notabilidades artisticas femininas a passarem em revista diante de nós, que já não é facil fixar na memoria os seus nomes variadissimos, nem encontrar uma adjectivação bastante opulenta que lhes defina os altos meritos de *virtuoses* peregrinas.

A critica musical indigena queixa-se de que lhe faltam adjectivos. Prodigalisou todos quantos tinha com a encantadora Novelli, e anda agora a ver se póde fazer provisão d'alguns novos, para desfolhar aos pés da Salla, que já se revelou na *Africana*, da Sembrich, que ha de vir dar-nos a *Lakmé* e a *Mignon*, e da famosa Devriés, que foi escripturada por grossas sommas para gorgeiar aos nossos ouvidos a bella musica do *Fausto*, da *Aida* e do *Hamlet*.

A imprensa estrangeira consagra a este brilhantissimo astro da scena lyrica as mais extraordinarios *réclames*, dizendo d'ella coisas verdadeiramente assombrosas, as mesmas que nós, pouco mais ou menos, estamos habituados a ouvir da Patti e da Albany.

Fidés Devriés conseguiu, com a sua bella voz de oiro, o que os aguazis de Madrid não poderam conseguir pela força:—moderar os impetos bellicosos dos estudantes da grande capital hespanhola.

Appareceu aos madrilenos uma noite, no *Fausto*, e toda a fina rapaziada turbulenta da Universidade entrou logo na ordem, como por encanto.

Os revolucionarios mais façanhudos, ouvindo a voz da soberba *diva*, esqueceram-se da sua missão chinfrineira e renderam-se á discripção.

Superior ao proprio Canovas em dotes diplomaticos, a loira e deliciosa Margarida soube fazer o que elle não soubera:—estrangular uma sedição de rapazes novos, as peiores que eu conheço.

Digam-me agora cá, depois d'isto, se uma fraca mulher de theatro não pode dar um forte homem d'Estado, ou um fortissimo governador civil, pelo menos.

—D'esta vez, por falta quasi absoluta d'assumptos de casa, hão de permittir-me que eu recorra ao estrangeiro, pedindo de emprestimo á ultima eleição presidencial dos Estados-Unidos o *bouquet* final d'esta *soi-disante* chronica de *partout*.

Sabem quantos kilometros teve de percorrer o candidato republicano vencido, em seis semanas, na sua peregrinação por casa dos eleitores? 14.000!

Já veem que é mister ser-se vigorosamente constituido para resistir ás fadigas d'uma campanha presidencial n'aquelle paiz dos dollars.

E note-se que o pobre Blaine excursionava, tendo de fazer quinze, dezoito e mais discursos por dia.

Em cada estação percorrida havia sempre um discurso, cuja extensão e eloquencia eram proporcionaes á importancia da localidade eleitoral. Nas pequenas estações o candidato infeliz limitava-se a proferir, da plataforma do seu *pullmann car*, quatro palavras diante dos eleitores convocados pelo telegrapho; mas nas grandes, tinha de fallar duas horas a fio, affrontando por vezes, como em Fort-Wayne, a troça rija dos adversarios.

Além dos discursos, e das enormes distancias percorridas, havia ainda os banquetes, e os *shake-hands* contados por milhares cada dia

No fim de tudo, ficou sem a presidencia e ainda por cima extenuado.

Se nas nossas eleições para deputados se desse outro tanto, seria mister crear no orçamento uma verba especial para caldos peitoraes, medico e botica, a menos que os candidatos não tivessem todos a corpulencia e a robustez do sr. Emygdio Navarro.

C. Dantas.

O GENERAL CLAUDINO

IV

Era brigadeiro Claudino Pimentel quando regressou a Portugal, e a sua vinda foi de grande auxilio para a causa liberal, que estava em muito risco, por se ter revoltado uma parte do exercito, capitaneado por alguns dos generaes mais prestantes do exercito portuguez, generaes que tinham sido em parte os iniciadores da revolução de Vinte, por odio a Beresford, mas que, assustados com as consequencias dos seus actos e não sympathisando com as idéas liberaes, voltavam contra a revolução as armas que tinham brandido para a promover. Taes eram os Silveiras e Gaspar Teixeira.

Claudino Pimentel mostrou-se, pelo contrario, assim que chegou a Lisboa, liberal convicto e ardente, e a primeira coisa que fez, logo que se viu na metropole, foi apresentar-se ás côrtes para lhes manifestar a sua adhesão. Ja n'essa epoca ardia em Traz-os-Montes a contra-revolução do conde de Amarante, e os generaes com que o partido liberal contava eram principalmente Luiz do Rego, Pamplona Moniz e o velho Pego, que fizera parte da legião lusitana e se distinguira na Russia, na batalha da Moskowa; Claudino Pimentel foi, por conseguinte, recebido com enthusiasmo, e teve desde logo o commando das tropas estacionadas em Lamego.

Quem dirigia as operações contra os rebeldes era Luiz do Rego, e concebeu um plano para envolver o conde de Amarante, que deveria dar excellentes resultados; mas, ou por culpa do proprio general em chefe, ou por culpa dos seus subordinados, é certo que as differentes forças envolventes não se acharam umas das outras na proximidade necessaria para se sustentarem, de forma que o conde de Amarante póde romper o circulo que devia apertal-o no ponto da circumferencia defendido por Pamplona Moniz, que caiu prisioneiro com o regimento 21.

Esta acção, conhecida pelo nome de acção de Santa-Barbara, travada no dia 13 de março, animou os realistas e causou no Porto grande sobresalto. Luiz do Rego, n'este momento de perigo, chamou a si Claudino Pimentel, não só para se reforçar com as tropas que elle commandava, mas tambem, e principalmente, segundo o proprio Luiz do Rego confessa nos seus officios, para se valer dos seus talentos militares, na situação perigosa em que se encontrava.

Nomeado segundo commandante do exercito, Claudino Pimentel tratou de reorganisar os regimentos abalados; mas o conde de Amarante não lhe deixou tempo para muito, porque resolveu entrar de novo em campanha, atacando Amarante para poder talvez avançar sobre o Porto. Apenas perceberam estas intenções,

Luiz do Rego e Claudino Pimentel fizeram convergir sobre Amarante as forças todas de que dispunham e que estavam um pouco dispersas, mandando avançar a marchas forçadas o 18 e o 9 de infanteria, que estavam para os lados de Basto, os esquadrões 1 e 4, que estacionavam na Freixieira, e o 5 de caçadores, que tendo saido de Lisboa, devia chegar no dia 22 de março a Penafiel.

Gaspar Teixeira intentou um ataque simulado sobre Villa Pouca de Tamega e Gatão, e caiu logo em seguida com toda a energia sobre Amarante. A ponte foi defendida intrepidamente pelo 15 de infanteria, que a pouco e pouco foi sendo auxiliado pelos reforços que iam chegando. Apezar d'isso, os rebeldes já tinham entrado na ponte, quando se ouviram na margem opposta as cornetas do batalhão de caçadores 5, que ali principiou a ganhar a fama que o tornou legendario. Era um batalhão transmontano, que fôra admiravelmente disciplinado pelo tenente-coronel inglez Sinclair, e que estava agora debaixo das ordens do tenente-coronel Antonio de Araujo Valdez. Claudino Pimentel não fez mais do que dirigir ao batalhão algumas palavras calorosas, e lançou-o immediatamente n'uma terrivel carga de bayoneta sobre a ponte. Este ultimo e inesperado reforço decidiu a victoria. Os rebeldes fugiram para os lados de Villa Real, e, perseguidos tenazmente por Claudino Pimentel, que fôra nomeado general das armas da provincia de Traz-os-Montes, não tardaram a refugiar-se em Hespanha.

Esta victoria, comtudo, de pouco valeu á causa liberal, e foi funesta ao vencedor. D'ahi a dois mezes a contra-revolução ridicula de Villa Franca punha termo ao primeiro regimen liberal no nosso paiz, e os absolutistas, senhores do poder, trataram de se vingar dos que lhes tinham infligido uma cruel derrota. Claudino Pimentel foi demittido e desterrado para a ilha do Fayal, e talvez devesse ainda assim a benignidade relativa com que foi tratado ás boas recordações que d'elle conservava el-rei D. João VI.

Dois annos esteve Claudino no Fayal e na Graciosa, para onde o mandaram por parecer inconveniente a sua permanencia n'uma ilha populosa, e onde já conquistára muitos amigos. Em Portugal, entretanto, os seus parentes empenharam-se pela sua volta, e conseguiram em 1825 que o conde de Barbacena, ministro da guerra, lhe permittisse voltar para junto da sua familia.

Estava em Moncorvo quando ali chegou a noticia da proclamação da Carta Constitucional. Tão inesperada era esta noticia e tão grande o regozijo que produziu na familia liberalissima dos Pimenteis, que o velho pae de Claudino não pôde resistir a tão forte commoção, e morreu de alegria. O lucto causado por este doloroso acontecimento, que tão estranhamente se confundiu com os jubilos da nova era, foi como que o triste presagio das desgraças que se haviam de enlaçar com os triumphos no resto da vida de Claudino.

Logo que pôde, partiu Claudino para Lisboa, onde foi acolhido com prazer pelos *leaders* da causa constitucional, que lhe restituiram logo o posto de brigadeiro e o nomearam general das armas de Lisboa e Belem.

Pouco tempo pôde exercer esse commando. Apenas se proclamára a Carta Constitucional, logo se levantaram contra ella as resistencias absolutistas, e Claudino, apesar de ter sido tambem, n'essa occasião, eleito deputado por Traz-os-Montes, teve de deixar tudo para ir tomar o commando de uma divisão volante de cerca de dois mil homens, que devia operar na Beira Alta, para impedir os rebeldes que se tinham refugiado em Hespanha, onde tinham asylo seguro e protectores decididos, de voltar em armas a Portugal.

Claudino Pimentel tivera sempre a preoccupação de que seria por Traz-os-Montes que o marquez de Chaves entraria em Portugal. Não pensára assim o general das armas de Traz-os-Montes Corrêa de Mello, que já tarde pediu soccorro a Claudino, quando o coronel Valdez tivera de capitular em Bragança, quando o marquez de Chaves occupava as margens portuguezas do Douro. Com o seu admiravel instincto militar, Claudino Pimentel correu a occupar a linha de Tamega, e repelliu em Amarante o inimigo, salvando d'esse modo o Minho ou o Porto de uma surpreza preparada pelos rebeldes, e obrigando-os a mudarem para a Beira Alta o theatro da guerra. Seguiu-os logo a essa provincia o general Claudino, que não tardou a fazer a sua juncção com o general Azeredo e o conde de Villa Flor, ao passo que o marquez de Chaves e o visconde da Varzea se reuniam tambem n'um unico exercito.

A perspicacia de Claudino salvou a causa constitucional de um desastre. Os seus dois collegas, enganados por uma contramarcha do inimigo, suppunham que elle seguia de novo para Traz-os-Montes. Claudino insistiu em que elle ia occupar a posição de Coruche, que era a chave das estradas de Vizeu e de Lamego. Prevaleceu a opinião de Claudino; a 8 de janeiro de 1827 marchou o exercito na direcção indicada, e effectivamente não tardou a encontrar os postos avançados do inimigo.

A 9 de janeiro travou-se o combate, sendo assaltadas as posições de Coruche por uma columna commandada pelo brigadeiro Claudino, que as atacou de frente, e por outra do commando de José Benedicto de Mello que as atacou de flanco. Depois de tres horas de vivo combate, os rebeldes retiraram destroçados para Hespanha, tendo perdido 60 mortos e um grande numero de feridos.

E' singular o sentimento de justiça e a perspicacia dos soldados! Claudino era o mais moderno dos tres generaes que estiveram em Coruche, exercia o conde de Villa Flor o commando nominal, e comtudo os soldados cantavam todos, com a musica do hymno da Carta:

> Dia nove de janeiro,
> *De Claudino a divisão*
> Fez em Cruche triumphar
> Liberal constituição.

Mas era curiosissimo o que se passava n'esse tempo. Os homens que estavam á frente do governo faziam votos para que triumphasse a causa dos rebeldes, e para isso trabalhavam. O general Azeredo, depois conde de Samodães, que prestára serviços relevantes á causa liberal, em vez de ser recompensado, era preterido. No dia seguinte a esta victoria, evidentemente devida a Claudino, recebia o intrepido general ordem para se apresentar em Lisboa a fim de tomar assento nas camaras!

Não se deixou illudir o general sobre o motivo da sua vinda, e na camara, como tinha a palavra facil, não hesitou em o expôr. Ali tambem apresentou varios projectos de lei severissimos para acabar com a revolta que lavrára nas provincias. Não fez senão ateiar os odios dos seus inimigos. No fim da sessão de 1827 voltou para a sua casa de Moncorvo, d'onde regressou para a sessão de 1828, e para tomar o commando da força armada da capital. Ia começar o ultimo e o mais tragico periodo da carreira do general Claudino.

PINHEIRO CHAGAS.

LACRYMAE RERUM

> Porque suspira ainda no meu peito
> Aquelle santo amor d'alma querido,
> E nas ancias d'um intimo gemido
> Porque abraço uma sombra no meu leito?
>
> Triste de mim! ai! sonho mal desfeito!
> Nas solidões da noite consumido
> Vejo o phantasma no ether accendido,
> Como o sol sobre o esquife em que me deito.
>
> Transluz da campa o raio frio e ardente,
> Que me traspassa a noite regelada,
> Como um rubro punhal incandescente.
>
> Apaga-te, luz fria e descórada,
> Meteoro da morte, astro cadente
> No abysmo onde fluctua a sombra amada.

GUIMARÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

VILLA DA PRAIA DA VICTORIA, NA ILHA TERCEIRA

Ha poucas povoações de tão risonho aspecto como a Villa da Praia da Victoria, que a nossa gravura representa.

Situada n'uma planicie mui vasta, aformoseada por um extenso areal do lado do mar, bordada com um grande numero de fortalezas, é esta alegre villa, pelo lado da terra, guarnecida de ricas campinas, que lhe dão uma apparencia das mais pittorescas a quem a observa, ou do mar ou do logar ali conhecido pelo *Cume da Praia*.

Os seus principaes edificios são o da Camara, egreja matriz, egreja da Misericordia, ermidas da Senhora dos Remedios, de S. Salvador, de Santo Amaro e S. Lazaro.

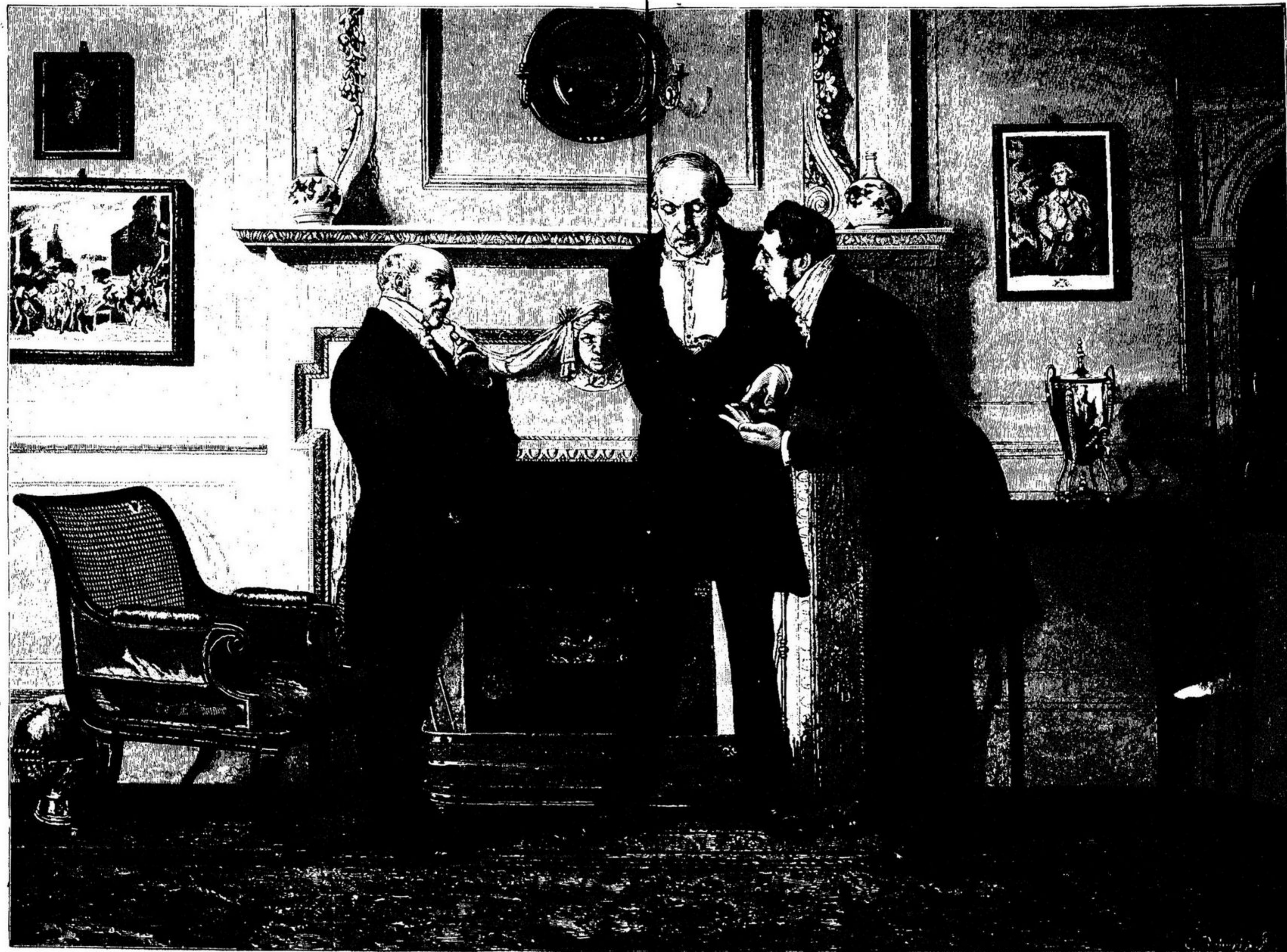
A Villa da Praia foi o theatro da memoravel victoria alcançada, no dia 11 de agosto de 1829, pelas forças liberaes contra as de D. Miguel de Bragança.

UM IDYLLIO

A criança e o cão. O symbolo do amor e o symbolo da fidelidade.

Comprehendem-se e amam-se aquelles dois. Companheiros inseparaveis, para onde vae um vae o outro. Amigos intimos, vivendo n'uma doce intimidade limpa de nuvens e isenta de reciprocos doestos, affagam-se, como irmãos muito queridos.

Quando o pequeno dorme, o molosso fiel véla por elle, d'olhos fitos na sua boquinha angelica, em que brincam meios sorrisos provocados por algum sonho bom da infancia cor de rosa. Se chora, entristece-se e tem latidos plangentes. Se brinca, partilha dos seus brinquedos e envolve-se nas suas distracções infantis.

UM IDYLLIO (Quadro d

UMA CONSULTA

(Quadro de C. Green)

A VIDA NO HAREM (Quadro de Siemiradzki)

Sentinella vigilante d'aquella risonha innocencia, segue-a sempre de perto, no seu desabrochar perfumado.
Cahisse o pequeno ao rio sobre que se baloiça, e o cão fiel iria arrancal-o com vida ao seio frigidissimo das aguas, dando um exemplo de dedicação sublime aos bipedes egoistas que se chamam homens, ás vezes bem mais brutos que os proprios brutos.
O artista pintou os dois companheiros de frente e de costas.
Seja qual fôr o modo porque os olhemos, o idyllio é sempre encantador.

A VIDA NO HAREM

Uma existencia consagrada á sensualidade, a todos os prazeres que enervam e desvairam. Descrevel-a nos seus mais lubricos pormenores não é coisa que se faça em dois traços.
Dezenas de mulheres fascinadoras e desnudadas, com os bellos collos constellados de pedrarias reluzentes, passam a vida entregues ao labor d'agradar ao seu poderoso sultão.
Nenhuma d'ellas lhe consagra uma pequenina particula d'affecto; representam aquella comedia por simples dever d'officio, contrafeitas, e sedentas, talvez, da liberdade que não gozam, do amor puro e grande que não disfructam.
Forçadas a dansar e a sorrir, sorriem e dansam inconscientemente, sacrificando a sua mocidade gentil aos caprichos brutaes d'um potentado lubrico.

UMA CONSULTA

O pobre enfermo agoniza na alcova proxima, e elles, os tres esculapios palavrosos, desenrolam na sala toda a sua sciencia de vocabulos gregos arrevezados.
De mais sabem os graves doutores que o desgraçado não chega ao alvorecer da manhã seguinte, mas em todo o caso é preciso ir ganhando a vida e provando que se aprendeu alguma coisa nas escolas.
Se o enfermo os ouvisse morreria mais depressa, iamos jural-o.

SERRA DOS ORGÃOS

A provincia do Brasil, que tomou o nome do magnifico porto da capital d'esse imperio, Rio de Janeiro, é dividida em duas partes, septentrional ou serra-acima e meridional ou beira-mar, pela Serra dos Orgãos.
Esta serra, que a nossa estampa representa, é assim chamada pela semelhança que os cabeços de uma porção, d'ella vistos de diversos pontos, teem com a frente de um orgão.
N'essa porção ha uma aproximação de montanhas pyramidaes, separadas por valles profundos, tortuosos e estreitos.
E' a principal serra da provincia do Rio de Janeiro, cujos districtos, á excepção do de Goytacazes, são todos montanhosos.
Além d'ella, são ainda notaveis n'essa provincia as serras de Macacú, de Sant'Anna, do Sambé, de Tapacorá, e Urussanga, o monte de S. João, a serra Jarixinó, e a da Bocaina.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

J. D. V.—Calle.—Não nos parece em termos de ser publicado. E' banal e por vezes incorrecto.
M. R. de M.—Vizeu.—As suas *Scintillações* teem versos de legua e meia, que fatigariam, por certo, a paciencia dos leitores. Não pode ser.
J. J. Forbes Costa.—Estrella cadente.—O 3.º verso da 1.ª quadra está frouxissimo e imperfeito. O 2.º da 2.ª tem uma syllaba a mais; o 3.º da mesma uma syllaba de menos. Os dois tercettos são magnificos. Quer emendar as incorrecções apontadas? A nós falta-nos o tempo para essa tarefa.
O soneto cá fica archivado.
A. M. d'Azevedo.—Porto.—As suas *Amarguras* não podem sair a lume.
Paula e Costa.—Braga.—Só hoje nos chegou ás mãos o seu soneto. Terá cabida no proximo numero.
As duas irmãs M. L.—Não temos agora espaço para responder a vv. ex.as, mas attendel-as-hemos brevemente.

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Está alegre em Roma esta vazilha—2—1.

Na musica este planeta gira no mar—1—2.

Na musica esta peça de jogo defende-nos—1—2.

Este tempero e este peixe come-se—1—2.

Redondo. Carvalho.

Esta embarcação tem mineraes no jardim—2—2.

Move-se o astro n'esta flor—2—1.

Brasil. **A. M. R.**

EM VERSO

(Ao meu amigo e habil charadista, F. L. Méga, auctor do logographo cuja decifração é *Chicorea*)

Agradeço, meu amigo,
A vossa retribuição
E como reconhecido,
Envio outra producção.

Se trocar letra final, }2
Deve ver um vegetal. }

E se prima lhe trocar, }1
Appellido deve achar. }

Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti.
Para dar a luz ao mundo
Mil tormentos padeci.

G. Caetano.

Entro sempre no rateio—1
Mesmo vindo do Papado—2
Combato sérias questões
Não sendo pergaminhado.

Brasil. Eduardo R. Leite

EM QUADRO

	a		a		a	Deus me defenda de tal!
a		a		a		Falta isto p'ra dar fim.
	a		a		a	Antes aqui que na rua.
a		a		a		Quem tem calor faz assim.
	a		a		a	Serviu a muita *perúa*,
a		a		a		Mas não servem para mim.

Kostka.

EM LOSANGO

.
. . .
. . . . .
. . . .
. . . . .
. . .
.

De nunca—haver—susto ou medo,—
O' deusa, vingança tiras:—
A cara—banha—de lagrimas...
E tambem põe termo ás iras.

Bensafrim. G.

EM TRIANGULO

. . . . . . Cidade
. . . . . Na egreja
. . . . Azedo
. . . Negativa
. . Na musica
. Vogal

Torres Novas. J. Jorge Mathias.

LOGOGRIPHO

A primeira e a segunda
Foge d'ella, é perigosa.
Porém terceira e segunda
E' mui branda e luminosa.

A segunda mais a quarta
Do arbusto não se aparta.
Palavrinha, a quarta só
Não me agrada e inspira dó.

Juntas todas, quanto é bella
A producção que resulta!
Nasceu, viveu e morreu
Lá por entre a selva occulta.

Brasil. EDUARDO R. LEITE.

PROBLEMA

Um pastor vae ao encontro d'um rebanho d'ovelhas, que caminham umas após outras, e que saiem successivamente d'um ponto, de maneira tal, que o intervallo de tempo decorrido entre a partida de duas ovelhas consecutivas é egual a 3 minutos. Pergunta-se em que relação deve estar a velocidade do pastor para a das ovelhas, a fim de que possam ser encontradas pelo pastor, n'uma hora, 80 ovelhas.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Catalã.
2.ª—Agua-mel.
3.ª—Marmello.
4.ª—Serpentina.
5.ª—Fado.
6.ª—Barquinha.
7.ª—Capador
8.ª—Patacão.
9.ª—Azado.
10.ª—Bocca de mel mãos de fel.
11.ª—Vigorosa.
Lidador.
Christovão.
Lola ato.
Viola.
Floresta.
Arminho
12.ª—Lide.
13.ª—Lam.
14.ª—Raul.
15.ª—Almodovar.

Dos logogriphos:

1.º—Francisca.
2.º—Chacorca.

Do problema:
Theodolinda 2 filhos; Euphrasia 3 e Tertulliana 4.
Xadrez—Solução do 19.º problema:

1.ª

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma B. (cheque).	1. R. c. B. D.
2. D. 6 B. D. (cheque).	2. P. toma D.
3. B. 6 T. D. (cheque e mate).	

2.ª

1. T. toma B. (cheque).	1. R. c. R.
2. T. 7 B. D. (cheque).	2. R. c. D.
3. P. 7 R. (cheque e mate).	

3.ª

1. T. toma B. (cheque).	1. R. c. R.
2. T. 7 B. D. (cheque).	2. C. 2 D.
3. D. toma C. (cheque e mate).	

A RIR

Um medico muito conhecido pelas suas rudes franquezas vae ver certo doente. Depois de o auscultar, abana a cabeça com ar lugubre.

O pobre enfermo, assustado e inquieto, pergunta-lhe:
—Mas doutor, qual é a minha doença?
—Só lh'o poderei dizer depois da autopsia.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO CONTRA O GARROTILHO

Acaba de descobrir-se na Allemanha um novo remedio contra o garrotilho, que consiste no seguinte.

Dá-se, de manhã, uma colher de chá aos meninos e uma de sopa aos adultos, cheia de essencia de therebentina rectificada, que se póde misturar com leite.

Passada meia hora começa a estender-se, desde o bordo da exudação diphterica, uma mancha vermelha, que se vae alastrando pela falsa membrana e á qual vae substituindo.

Ao termo de 24 horas, a doença desapparece sem deixar vestigio.

A MATERNIDADE

(THEODORO DE BANVILLE)

I

Ainda moço, mas experimentando já os primeiros symptomas da enfermidade que deveria abreviar-lhe a existencia, o sr. Geoffray, antigo industrial, retirara-se, com a sua colossal riqueza, para um pittoresco castello que possuia cerca de Grenoble, em Sassenage, perdido nas gargantas das serras.

Ahi, dedicou-se com uma ternura infinita a ministrar todos os conhecimentos de que era dotado a sua filha Calixta, viva e fiel imagem da querida esposa que perdera. N'essa menina, tão cedo iniciada nas sciencias, na poesia e na musica, desenvolveu-se uma intelligencia superior.

O sr. Geoffray tinha um unico amigo, que habitava uma casa em ruinas, proxima do palacio. Era o grande paizagista Pedro Hurdelo, que de alguma maneira fora o inspirador de Corot, Troyon e Daubigny: n'esse tempo, completamente esquecido, quasi octogenario, atacado de rheumatismo que não lhe permittia o uso das pernas, Hurdelo arrastava uma existencia miseravel.

Geoffray desejaria ardentemente poder ser util ao seu amigo, mas a altivez do artista negava-se a acceitar qualquer soccorro.

Calixta vizitava frequentes vezes o amigo de seu pai. Nas suas conversações conceituosas e sobrias, simultaneamente grandiosas e familiares, Hurdelo ensinara a Calixta a arte de tudo quanto se póde aprender theoricamente: de sorte que essa menina de dezenove annos, de cabellos negros, agil e robusta, creada na atmosphera das montanhas, fortificada por todos os exercicios do corpo, juntava a uma instrucção variada e solida, uma innocencia immaculada.

Precisamente em virtude da sua candura, Calixta desconfiava de tudo.

Um jornal, indifferentemente percorrido, um livro, folheado ao acaso, abriam de subito perante os seus olhos aspectos da vida, onde Calixta presentia vagamente uma sombria accumulação de mentiras, de cobardias e traições.

Preoccupando-se com o seu proximo fim, Geoffray deliberou casar a filha, conduzindo-a para esse effeito a Grenoble, levando-a aos bailes, e dando magnificos jantares no seu palacio.

Tendo vivido até então na absoluta ignorancia de qualquer ficção social, o bom senso de Calixta descobriu logo o egoismo humano em toda a sua fealdade, e comprehendeu a perfeita insignificancia das relações mundanas.

Não precisou reflectir muito tempo para adivinhar, que entre os rapazes, attraidos pela sua belleza e sem duvida, tambem, pelo seu dote, nenhum possuia a sabedoria e sobre tudo a bondade de Hurdelo e de seu pai.

II

Olympia Thellien, prima e amiga dedicada de Calixta, casara, havia alguns annos, com um grande lavrador, o sr. Salzi, possuidor de vastas propriedades em Dijon: os conjugues rezidiam todo o anno no campo, onde Salzi administrava a sua lavoura.

As duas amigas tinham-se carteado nos primeiros tempos; em seguida, a correspondencia interrompera-se por varios motivos, sendo o principal, conforme Olympia confessava comicamente, a falta de tinta!

Chamado por um negocio importante, Geoffray teve de ir a Paris e levou comsigo sua filha.

Calixta, desejando ver Olympia, obteve de seu pai que se detivessem um dia em Dijon.

Por felicidade, Salzi estava ausente: as duas primas poderam conversar livremente.

—Minha querida, disse Olympia, o casamento é uma cousa horrivel! Sou uma escrava, uma creada mal retribuida e não disponho de cousa alguma. As minhas cavallariças estão cheias de cavallos, e no entanto quero sair, percorrer as quatro leguas que me separam de Dijon, e não tenho uma carruagem! Meus pais offereceram-me, quando me casei, um coupé lindissimo; esse coupé está ao serviço de minha sogra, de minhas cunhadas, de todos, excepto ao meu!

—Mas, volveu Calixta, eu julgava que Salzi te amava.

—Ah! exclamou Olympia, poupo-te a narração de caricias brutaes, que offendem as delicadas susceptibilidades da alma. Sabes, querida, que levei a meu marido um dote de quinhentos mil francos, e que meus pais me deixarão um milhão; pois apesar d'isso, Salzi censura as despezas das minhas pobres *toilettes*!

Pensavas que meu marido me adorava? Ignoras que todas as

suas predilecções pertencem a outra mulher, a quem eu dei em tempo o nome de amiga?

—Todavia, retorquiu Calixta, és mãe, restam-te os teus filhos

—Meu marido, disse Olympia, separa-me a todo o instante dos meus filhos, leva-os a casa da sua amante, que os enche de mimos e presentes. Não te cases, minha Calixta, ou se o fizeres, pede ao céo que te empreste um dos seus anjos, e afasta as mulheres de tua casa, foge d'ellas, como se foge do typho e da peste!

III

Ouvindo as dilacerantes queixas da sua amiga, Calixta jurou a si propria que nunca soffreria esses horrores.

Regressando a Sassenage, e quando o sr. Geoffray, que de resto a adorava e não queria contrarial-a, lhe fallou na necessidade de escolher um noivo, Calixta, lançando mão do primeiro pretexto, addiou sempre essa grave questão, até ao momento em que seu pae falleceu.

SERRA DOS ORGAOS

Ferida por uma dôr sem limites, Calixta chorou amargamente sósinha na solidão do seu enorme castello.

Acalmado o primeiro impeto do seu desgosto, foi uma manhã a casa de Hurdelo e disse-lhe:

—Acceita-me para sua mulher?

Depois de algumas explicações, o velho artista comprehendeu perfeitamente o que Calixta desejava. Com uma ingenuidade, que provava a sua grandeza d'alma, abandonou-se ao imperio d'essa creança, e a sua confiança não foi illudida.

Pouco depois, realisou-se o casamento. Hurdelo deixou a sua pobre casa para ir habitar o castello. Calixta rodeou-o de todos os extremos de uma filha carinhosa e dedicada. E quando as dores faziam estalar os ossos do velho pintor, Calixta animava-o, consolava-o, alliviava-o, prodigalisando-lhe os mais affectuosos desvelos: em seguida, quando a crise diminuia de intensidade, lia-lhe os seus poetas dilectos e ouvia-o definir magistralmente a arte e a vida.

Nem um segundo Hurdelo foi esquecido ou abandonado, e não formou nunca um desejo que não fosse immediatamente cumprido, até ao momento em que adormeceu para sempre, aquecido pelo olhar tutelar da sua companheira, apertando-lhe a mão e ouvindo-lhe a voz.

No mesmo dia em que Hurdelo expirou, morreu a viuva de um official, que cahira na Africa, varado pelas balas do inimigo, dando á luz um filho, que recebeu o nome de Pedro. A viuva succumbira.

A senhora Hurdelo tomou conta d'essa creança e levou-a comsigo para Paris.

Foi assim que realisou, sem culpa e sem obstaculo, o plano que concebera. Virgem e livre de qualquer prisão, enviuvára e era mãe: possuia um nome illustre, a que imprimiria um novo prestigio, e não soffreria as crueis decepções que tinham devastado a alma de Olympia.

Calixta votou-se exclusivamente a glorificar o talento do homem de quem usava o nome, auxiliando-se para esse effeito com o irresistivel argumento dos seus milhões: ao mesmo tempo, dirigia a educação do seu filho adoptivo.

IV

Quando attingiu a edade do estudo, Pedro teve por preceptor um ecclesiastico, dotado de uma sciencia universal e profunda, que lhe ensinou o hebraico, o grego, a historia, as linguas vivas Foram, ao mesmo tempo, chamados os melhores professores de musica, de equitação e de esgrima.

Calixta tomou para si o encargo de ensinar-lhe a ser bom, elegante e espirituoso. Pedro foi educado sob os auspicios de uma estrella radiosa: a alma, profundamente boa, do rapazinho, recompensou generosamente os extremos da sr.ª Hurdelo, votando-lhe uma ternura apaixonada e submissa.

Recordando-se dos conselhos da sua amiga, Calixta supprimira as mulheres da sua existencia.

A viuva do pintor só admittia ao seu serviço porteiros e creados: o limiar d'aquella casa era vedado a qualquer mulher, fosse, embora, rainha ou imperatriz.

Calixta recebia na sua intimidade alguns homens, em numero muito restricto e muito escolhido: mas só permittia que a visitassem nos dias em que os convidava para jantar.

E' provavel que Calixta experimentasse o amor, mas ninguem conheceu jámais o segredo d'esse coração altivo, delicado e corajoso.

Um dia em que Calixta contava a sua vida ao seu amigo Chataney, tutor de Pedro, a quem resolvera entregar a querida creança, dado o caso de que não vivesse o tempo sufficiente para o ver fazer-se homem, no pleno desabrochamento da sua encantadora mocidade, Chataney disse-lhe:

—Não conheço felicidade egual á sua. Esta creança, que a adora como um filho extremoso, será talvez um genio; e em todo o caso, é valente e bom, o que vale mais. Graças á sua admiravel previdencia, ao seu extraordinario bom senso, á sua rara sagacidade, poude eximir-se á abominavel lei social.

—Sim, evitei todos os desgostos! disse a sr.ª Hurdelo, deixando cair a cabeça pensativa. Mas quando percorro a minha vida inteira, sinto affluir-me aos labios o amargo fel do desengano: eu que não fui mãe e que não experimentei nunca as divinas torturas da maternidade!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa